

DA EXPERIÊNCIA COMO ALUNO À DOCÊNCIA: UMA ANÁLISE DE NARRATIVAS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO CONTINUADA

Fabiola Barcelos Risso
fabiolarisso@outlook.com

Rosana Martins Mattiuzzi dos Santos
rosanamattiuzzi@gmail.com

Wendel Alexandre A. Macedo
wendel.a.a.m@gmail.com

Danielli Veiga Carneiro Sondermann
danielli@ifes.edu.br

Resumo:

O artigo apresenta discussões sobre o recurso narrativas em ações de formação docente. Para apresentar indícios da importância desse elemento, analisa-se narrativas produzidas no contexto das atividades da disciplina Teorias da Aprendizagem, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – Educimat, do Instituto Federal do Espírito Santo, campus Vitória, no ano de 2015. Especificamente, esses dados foram elaborados durante um seminário sobre aprendizagens por narrativas. As análises são sistematizadas com base em pressupostos de Bakhtin, Benjamim e Vigotski, e mostram o potencial das narrativas como uma forma de validação dos saberes da ação pedagógica, pois passam a ser compartilhados, refletidos, rejeitados ou apropriados pelos pares. No entendimento de que algumas práticas docentes são reflexos das experiências do seu período de escolarização básica, repletas de tensões, impasses, alegrias e acolhimentos.

Palavras-chave: Linguagem; Aprendizagens por narrativas; Formação de professores.

1. Introdução

Na crença de que a formação do professor deve ser contínua e que a sua constituição enquanto profissional docente se dá desde sua experiência enquanto aluno, é que se desenvolveu esse estudo sobre as aprendizagens narrativas enquanto prática de formação. Tal estudo foi sistematizado por meio de análise das memórias de professores em processo de formação. É importante destacar que as reflexões foram produzidas ao longo das aulas da disciplina Teorias da Aprendizagem, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – Educimat, do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), campus Vitória. Os autores deste artigo, enquanto alunos da disciplina, estabeleceram um estudo junto a professores em processo de formação, também alunos do programa Educimat, matriculados na disciplina supracitada.

Pesquisas que utilizam o recurso narrativas em ações de formação docente têm produzido relatos que evidenciam experiências que abordam aspectos referentes à infância, ingresso na escola, vida acadêmica, características comportamentais alusivas ao relacionamento que esses professores tiveram com a escola, e as marcas que a escola ou determinada disciplina tenham deixado ao longo de suas vidas.

Nesse sentido, este trabalho apresenta uma reflexão sobre narrativas enquanto práticas de formação, entendidas, conforme Nacarato, Mengali e Passos (2011, p. 124) como “os meios que podem contribuir para o processo reflexivo, conseqüentemente, para a formação docente”. Sendo ainda situações que possibilitam ao professor “examinar, questionar e avaliar sua própria prática” (2011, p. 125). Para tanto foram analisadas narrativas de professores, sobre a infância, e como a escola os transformou em aluno e as marcas deixadas no processo de constituição enquanto professor. Acreditamos que essa discussão tenha o potencial de sensibilizar o olhar do docente para si enquanto profissional e para seus alunos reconhecendo-os como sujeitos, e a partir disso aprimorar sua prática na perspectiva da qualidade da educação.

2. As Narrativas como processo de formação

O interesse no estudo das narrativas como processo de formação nasceu da identificação das potencialidades das experiências e memórias dos professores no processo de diálogo sobre formação docente. Segundo Lima; Geraldi e Geraldi (2015) o uso de narrativas na formação docente foi introduzido no Brasil por Nóvoa no início da década de 90, como forma de se contrapor as pesquisas que falavam *sobre* a escola em vez de dialogar *com* ela e *a partir* dela. Nesse sentido, a prática das narrativas na formação docente surge como alternativa de aproximar sujeito e pesquisador e permitir que outras compreensões e reflexões sobre as experiências sejam produzidas.

Os autores amparam-se nos estudos de Bakhtin (1993;1998;2010); Benjamin (1985); Bruner (1997; 1998); Connelly&Clandinin (1995), entre outros, para defender que a narrativa não é um simples relatório ou informação passada ou contação de caso, ela se constitui do que nos acontece, nos modifica e por isso nos marca de forma significativa. Os autores acreditam que o uso de narrativas em pesquisas com professores possibilita que estes não atuem como sujeitos de pesquisa de terceiros, mas como autores e com isso assumam responsabilidades

que lhe são próprias. Consideram ainda que esse processo seja inerente ao processo formativo dos professores e de sua prática docente.

Megid e Fiorentini (2011) também refletem sobre as contribuições que o uso das narrativas podem trazer para o processo de formação docente. Amparados em estudos de Clonnelly&Claudinin (1995), apontam que as narrativas representam a forma como os seres humanos experienciam o mundo, pois a medida em que o indivíduo conta suas histórias com palavras, reflete, (re)vive e (re)explica suas vivências no mundo. Os autores ressaltam que o uso das narrativas contribui para a formação docente pois a medida que os professores escrevem e compartilham suas experiências, novos saberes são construídos.

Honório Filho (2011) se propôs a refletir sobre a importância das narrativas e histórias de vida na formação do professor e, problematiza a narrativa do vivido como experiência de vida e aprendizagem, com foco nas narrativas de professores. A partir de Timm (2010) o autor ressalta que ao escrever sobre histórias de vidas, permite-nos olhar para elas, repletos de nossas próprias experiências. Por isso, é possível observar no texto produzido, a história de quem é pesquisado entrelaçada às nossas próprias marcas de vida. Amparado em Bosi (1994), Abrahão (2004), Nóvoa (2004), o autor discute que relembrar o vivido é repensar com o olhar de hoje, as experiências do passado. Nesse sentido a narrativa (auto)biográfica oportuniza que as pessoas ao refletirem sobre suas ações se reinventem, aprimorando assim seus saberes sobre a vida, nesse caso, sobre a educação e suas nuances.

Com base nas leituras aqui apresentadas realizou-se a análise das narrativas pautadas sob o olhar de Benjamin (1987), no que tange a reflexão das memórias. Para o autor é por meio da experiência que se define a consciência, mas essa experiência não é apenas o que passa no mundo sensível, também é lembranças, reminiscências, memórias e narrativas. Corrobora-se com a crítica à modernidade que, ao substituir a narração pela informação e a informação pela sensação, provoca a atrofia progressiva da experiência e apaga a marca do narrador, que proporciona, àqueles que o escuta, o que viveu como experiência.

Dialoga-se com Bakhtin (2003) na perspectiva de que toda atividade humana é um texto em potencial. Daí pontua-se a importância de se discutir o lugar do autor nesse texto, no sentido de que na sua voz perpassam muitas outras vozes. Arán (2014) refletiu sobre a questão do autor em Bakhtin, objeto de numerosas abordagens ao longo de sua obra, principalmente quanto a relação do sujeito com a linguagem e a escrita. Para a autora, Bakhtin

apresenta discussão interessante sobre o tema, uma vez que não se restringiu apenas as autorias literárias, mas toda produção de discurso.

Segundo a autora, Bakhtin defende que o homem é responsável por sua palavra, que envolve sempre uma valoração social, pois considera ser impossível pensar que alguém fale sem que imediatamente adote uma postura de sentido obtida na luta dos discursos sociais. Afirma ainda que o autor entende que o sujeito autoral, como criador potencial de enunciados, artístico ou não, é um sujeito historicamente moral. Compreendendo por isso, a ação singular do homem real em todas as suas manifestações e práticas, que se referem a determinados valores e normas sociais, contextuais, históricas, nunca absolutas e nem universais.

Para Bakhtin não existe discurso vazio, todo discurso é endereçado, para ele todo e qualquer discurso faz parte de uma cadeia interminável e anônima de discursos, orais e escritos, que podem ser considerados como textos que definem a cultura num dado momento. Locutores e interlocutores, nas interações verbais, agem uns com os outros e ocupam, cada um deles, um lugar na rede de relações sociais das quais fazem parte. Portanto, são sujeitos que têm uma história e que estão situados em um contexto social e ideológico. É desse lugar que ocupam que eles produzem e compreendem os sentidos produzidos (GONTIJO; SCHWARTZ, 2009).

Com as lentes de Vigotski, Luria e Leontiev (2006) reflete-se sobre o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Segundo o autor a linguagem sintetiza toda a experiência humana ao longo da história, que se materializou em diferentes formas. A linguagem funciona como um mediador que permite a comunicação entre os homens, o estabelecimento de significado compartilhado por um grupo cultural e a interpretação e percepção dos objetos, eventos e situações do mundo. No processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, a atividade se torna simbolizada, possibilitando a apropriação de conceitos.

Assim, adotar as narrativas como objeto de estudos, entendendo-as como prática de formação, implica levar em consideração a constituição pessoal e educacional de cada um. Segundo Nacarato, Mengali e Passos (2011, p. 125) “ao narrar, a professora busca o conhecimento de si mesma, a tomada de consciência de sua própria formação; estabelece relações com espaços, tempos, contextos que lhe foram marcantes durante a formação”.

Assim, a análise narrativas do grupo de mestrandos, participantes da disciplina, foi realizada a partir dessas compreensões sobre o papel da narrativa no processo de formação de professores.

3. Caminhos Metodológicos

A pesquisa qualitativa, entendida aqui como uma investigação que enfatiza a descrição, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais (BOGDAN; BIKLEN, 1994), partiu do interesse em se trabalhar com narrativas, na busca de contribuições para o processo de constituição do professor, visto que

[...] o gênero narrativo e a escrita de narrativas não são recursos de simples apropriação, pois todo narrador, ao selecionar palavras, envolve-se no contexto e, ao descrever em detalhes as fases da sua vida, acrescidas de fatos e acontecimentos, expõe suas histórias singulares que, ao mesmo tempo, são plurais por terem sido vividas em um contexto compartilhado e carregado por uma cultura social e educacional. (MARQUESIN; NACARATO, 2015, p. 05)

A produção de dados se deu durante um seminário sobre Aprendizagem por Narrativas, na disciplina de Teorias de Aprendizagem, ofertada aos alunos do Educimat, Ifes, *campus* Vitória, no ano de 2015. A turma era composta de 37 alunos, matriculados no 1º período do Programa de Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática.

A apresentação do seminário teve início com o áudio do Poema “Infância” de Carlos Drummond de Andrade, presente na obra *Alguma Poesia*. Em seguida foi exibido um clip contendo fotos dos alunos da turma, da época de crianças, ao som da música “Criança não Trabalha” do grupo musical Palavra Cantada. As fotografias exibidas foram solicitadas antecipadamente aos colegas, sem nenhuma explicação prévia. A intenção era de provocar curiosidade e estimular um relembrar de sua infância, e os passos seguidos ao longo de sua trajetória, sejam eles, alegres ou tristes.

Antes da projeção das fotos foi apresentada à turma a seguinte situação: *Imagine que você tenha sido convidado para apresentar um relato sobre a sua infância para ser publicado em um jornal local. O jornal está fazendo uma divulgação das lembranças de infância dos professores como pauta para as comemorações do Dia das Crianças. Faça uma narrativa, a partir das seguintes questões: Que criança fui e que infância vivenciei? Como a escola me transformou em aluno?*

A projeção das fotos e música, que retoma brinquedos e brincadeiras da época em que a maioria vivia sua infância, objetivou provocar os professores/alunos de modo que sentissem-se inspirados para produzirem suas narrativas. Dessa forma, a medida que as fotos eram projetadas foi solicitado que eles relembassem de sua época de infância, as brincadeiras, o ingresso na escola e os passos seguidos até aqui.

Após o clip os professores/alunos foram convidados a produzir narrativas (auto)biográficas, por meio de textos orais, que contemplassem as perguntas citadas anteriormente. A participação dos colegas foi voluntária, e respeitou a espontaneidade e o desejo de cada um. Ressalta-se ainda que em virtude da quantidade de participantes e em função do tempo disponibilizado para o desenvolvimento da proposta, não foi possível a participação de todos, dessa forma obteve-se a produção de quatro narrativas, todas registradas em áudio e vídeo. Os participantes só foram informados que as narrativas tinham sido gravadas ao final das apresentações, quando aceitaram dispor do conteúdo para pesquisa e análise, pois entende-se que o aviso prévio poderia prejudicar o desenvolvimento espontâneo dos textos.

4. Os Olhares para as Narrativas: da experiência como aluno à docência

As narrativas (auto)biográficas revelaram condicionantes de ordem sociocultural que influenciaram a formação das professoras. A partir das questões postas: *Que criança fui e que infância vivenciei? Como a escola me transformou em aluno?* Refletiu-se acerca do caminho que as professoras seguiram em sua infância enquanto alunas e as crenças que trouxeram ao longo do seu processo formativo. A primeira aluna a voluntariar-se à dinâmica foi a Girassol, ao relatar que:

[...] morava em Nanuque, interior de Minas Gerais. Vivíamos na fazenda, meus pais faziam queijo, cuidavam de animais, tudo num processo bem manual. Logo depois desse tempo nos mudamos para o Espírito Santo, assim que chegamos aqui fomos morar em Viana, num sítio.

O tempo se passou e chegou minha idade de estudar. Tenho um tio que morava na Mata da Praia, em Vitória, e eu precisei vir morar com ele e com minha avó.

Foi muito ruim deixar meus pais, isso foi um choque pra mim, pois imagine só, eu que vim da roça, com pais muito simples, agora estava em outro mundo, em um bairro nobre.

Quando eles vinham no final de semana para me ver, tinham que ir embora escondidos, porque eu chorava, queria correr atrás do carro no meio da rua [...]. Mas como aluna eu me sinto grata à eles, acho que para mim, enquanto criança deve ter sido um pouco ruim, mas para meus pais o rompimento deve ter sido mais difícil, principalmente pela distância (RELATO DA PROFESSORA GIRASSOL, 2015, informação verbal).

Observa-se no relato da professora Girassol que seu processo de inserção na escola foi marcado por rupturas de laços familiares, que causaram desgastes emocionais, necessários naquele momento. De acordo com a narrativa, a família de Girassol, compreendia que a ruptura naquele momento, era a melhor ação para seu processo formativo, por considerarem que a transferência para uma cidade e um bairro mais desenvolvido, configuraria uma educação de qualidade. No estudo desses momentos de ruptura é possível apreender as transformações, compreendidas como resultantes de um processo histórico. Conforme Vigotski, Luria e Leontiev (2006) o comportamento do homem não é só produto da evolução biológica, ou resultado do desenvolvimento infantil, mas também produto do desenvolvimento histórico.

Ainda segundo o autor, ao longo do processo histórico o homem não só modificou sua relação externa com as pessoas e com a natureza, mas o próprio homem e sua natureza mudou-se e desenvolveu-se. Ao retornarmos ao relato da professora Girassol observa-se, principalmente no trecho “[...] mas como aluna eu me sinto grata aos meus pais [...]” (RELATO DE GIRASSOL, 2015, informação verbal), que apesar da ruptura, ela reconhece que o processo histórico que vivenciou foi importante para o seu desenvolvimento.

Pode-se perceber que o relato de Margarida também apresenta as marcas de um processo de ruptura do vínculo familiar. Ao iniciar seu relato a professora descreve o quanto era forte essa relação, principalmente com a figura do pai. Pontua, inclusive, a importância e o alívio de vê-lo no muro da escola, na saída da aula, e imaginar que ele permaneceu ali durante todo o horário de aula.

[...] Meu pai e eu éramos muito apegados, ao ponto de quando eu era muito pequena ele tinha que pular o muro para ir trabalhar, porque se eu o visse saindo começava a chorar e ninguém me fazia parar. Lembro que quando eu ia à escola, ele ficava em cima do muro da escola sentado, e eu perguntava se ele iria ficar ali me esperando, ele dizia que sim. Mas segundo ele, eu ficava entretida com alguma coisa e acabava esquecendo. Sempre quando batia o sinal para irmos embora ele estava lá novamente. Era um alívio! Lembro-me que sempre fui muito moldada, justamente por ter essa questão de ser mais moleque. No pré eu era obrigada a brincar de boneca com as meninas. Quando estava na segunda série, tinha uma regra de que só podia ir no banheiro e beber água, a partir da segunda aula. Então eu urinei na roupa, pois a professora não deixou eu sair para ir ao banheiro na primeira aula. No nono ano, na época, oitava série, eu era da comissão de formatura, então eu tinha que ser um exemplo de aluna e não podia aprontar nada. Eu me lembro dessas situações, em que tínhamos que nos comportar de acordo com os parâmetros exigidos pela instituição e eu sempre tentava ir contra isso. (RELATO DA PROFESSORA MARGARIDA, 2015, informação verbal)

Observa-se ainda no relato de Margarida características de como a escola a transformou em aluna. Sua narrativa evidencia que a partir do momento em que se inseriu no contexto escolar foi moldada pelas regras pontuadas por aquele ambiente. Que restringiu a atitude de criança, até então, vivenciada no contexto familiar.

Diante da discussão estabelecida até aqui, corrobora-se com Vigotski (1934;2009) quando aponta que a natureza humana só poderia ser compreendida por meio da sua história, contudo ela não constitui uma categoria fixa, está em permanente movimento e transformação. Essa transformação, considerando o movimento histórico, não se dá no sentido de mudança apenas, mas de desenvolvimento. Considerando ainda que o desenvolvimento do indivíduo está diretamente relacionado com o meio, o homem ao transformar a natureza, transforma-se a si mesmo. Diante desse entendimento, a narrativa de Azaléa explicita a interferência do meio no seu processo formativo. Consequência das inúmeras mudanças de residência, determinadas pela profissão de seu pai.

Como sou filha de militar, em cada ano morávamos em um lugar diferente. É até emocionante falar disso, porque hoje ao falar sobre história, eu não tenho como mostrar toda minha história aos meus filhos [...] quem foram meus amigos de infância, os colegas de escola... eu não tenho isso, não pude vivenciar isso. [...] Apesar de não ter, por exemplo, os amigos, eu vivenciei a diversidade do Brasil em termos de vegetação, relevo, cultura e alimentação. A minha adaptação tinha que existir. E com o tempo passamos a achar isso legal, ao ponto de papai chegar dizendo para onde iríamos e nós corríamos para arrumar as malas. Depois de muito tempo que vi o prejuízo disso, pois eu não conseguia contar ou mostrar histórias do meu passado. Até que um dia fui à Mato Grosso do Sul com meus filhos, estava ansiosa para mostrar a eles uma escola que havia estudado por 6 meses, a praça que eu brincava, o balanço, a alegria de chegar lá e rever tudo no lugar. A escola para mim, fez parte da minha vida, ajudava a me adaptar (RELATO DA PROFESSORA AZALÉA, 2015, informação verbal).

A partir da análise do relato de Azaléa pode-se observar o quanto a memória é importante para o reconto da história do indivíduo. A professora evidencia a necessidade de rememorar suas histórias e experiências com sua família, e sente falta de outros instrumentos que a auxiliem nesse processo, como por exemplo, a fotografia. Conforme descrito por Nunes (2008) para Benjamim, o primeiro trabalho da consciência voltada para o passado é a libertação de tudo o que aprisiona e reduz as possibilidades do presente. Daí a importância de rememoração da infância para revelar nossos tesouros e nossas feridas mais escondidas. Segundo o autor é por meio da reconquista da criança interna que se pode assumir a responsabilidade diante da própria vida, enquanto adultos.

Bakhtin (2003, p.395) aponta que o homem é um “ser expressivo e falante” e ainda defende que “o texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências)” (BAKHTIN, 2003, p. 307). Nesse sentido, refletiu-se sobre o relato de Azaléa em consonância com Bakhtin (2003), quando explicita as marcas que os acontecimentos da infância da narradora deixaram em sua história, associada a importância que as experiências vividas podem assumir na vida do indivíduo, o que reforça a ideia do homem como fruto de suas vivências.

Pode-se observar ainda que Azaléa refletiu sobre suas experiências ao produzir sua narrativa. A professora evidenciou que apesar das dificuldades geradas pelas sucessivas mudanças de endereço para acompanhar sua família, essa experiência lhe proporcionou outras vivências e ressalta o importante papel da escola na adaptação nos constantes processos de mudança.

O relato de Acácia se diferencia dos demais ao apresentar a experiência de escolarização como um processo aparentemente harmonioso. Enquanto as demais colegas relataram percalços enfrentados durante o processo, para a Acácia,

Foi uma infância incrível, num lugar muito bonito, com uma casa muito simples, mas com marcas que não vou esquecer jamais. A parreira, os pés de carambola, os dois pés de coco, pé de laranja [...]. E isso eu fui levando, em todos os lugares onde vivi, e a escola foi a continuidade de onde eu vivia. Pois eu saía da escola e pegava as flores para levar para casa e no caminho da escola eu levava flores para lá também. As brincadeiras que eu tinha em casa, tinham na escola também e os professores se preocupavam em reproduzir o que os alunos vivenciavam em suas casas, em uma comunidade pequena, de São Domingos do Norte, perto de Colatina. A escola tinha todo esse cuidado com as crianças. (RELATO DA PROFESSORA ACÁCIA, 2015, informação verbal)

A narrativa de Acácia, revela que o seu processo de inserção no ambiente escolar ocorreu de forma agradável. Observou-se em seu relato uma narrativa repleta de saudosismo quando observado em [...] eu saía da escola e pegava as flores para levar para casa e no caminho da escola eu levava flores para lá também” (RELATO DA PROFESSORA ACÁCIA, 2015, informação verbal). Segundo Benjamin (1987) a vivência da infância da professora Acácia, durante seu processo formativo, foi uma experiência que não nasce simplesmente da existência do homem em sociedade, mas nasce da palavra poética, da relação com a natureza, da memória e da tradição.

Ao concluir o relato de sua experiência escolar, a professora afirma que a escola foi a continuidade de onde vivia [...] “as brincadeiras que eu tinha em casa, tinham na escola também e os professores se preocupavam em reproduzir o que os alunos vivenciavam em casa” (RELATO DA PROFESSORA ACÁCIA, 2015, informação verbal).

As narrativas das professoras transmitiram valores e revelaram tensões e impasses presentes no cotidiano que envolvem a escolarização. Possibilitaram às narradoras o autoconhecimento em relação a sua aprendizagem e provocaram a reorganização das experiências. Assim, acredita-se que ao compartilharem seus discursos as professoras promoveram novas reflexões e enunciados, seus e dos colegas, formados a partir de suas experiências, uma vez que

[...] por trás de todo texto encontra-se seu sistema de língua: no texto, corresponde-lhe tudo quanto é repetitivo e reproduzível [...]. Porém, ao mesmo tempo, cada texto (em sua qualidade de enunciado) é individual, único e irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido (seu designio, aquele para o qual foi criado) (BAKHTIN, 2003, p. 331).

Dito isso entende-se que a reorganização das experiências e das lembranças de professores, que trazem consigo marcar boas ou ruins durante seu percurso estudantil, constitui uma prática de formação.

5. Algumas Considerações

As narrativas (auto)biográficas apresentam ressalvas de ordem histórica, social e cultural que compuseram a formação profissional dos narradores, seja ao reproduzirem ou rejeitarem as práticas que vivenciaram. Muitos professores trazem em suas narrativas lembranças de docentes que os influenciaram ao longo de sua trajetória estudantil.

E como Nacarato; Mengali e Passos (2011) entende-se o quanto a trajetória de escolarização das(os) docentes influenciam suas práticas. O reencontro com essas memórias contribui com o processo de autoconhecimento e desenvolvimento de uma identidade coletiva.

O encontro de muitas vozes: das professoras narradoras, enquanto alunas, e seus professores, ou com seus pares – professores/alunos, constituiu uma rede de enunciados compostos de sentidos e significados diferentes a cada sujeito envolvido no processo. Ao narrar as professoras expuseram experiências repletas de sensações e emoções. Puderam

relembrar e refletir sobre as situações que perpassaram seu caminho desde a infância, seu papel como aluna, à sua constituição enquanto professora.

6. Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memórias e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-24

ARÁN, P. O. La pregunta por el autor em Bajtín. **Bakhtiniana**, São Paulo-SP, Número Especial: 4-25, Ene./Jun. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/17700/14622>>. Acesso em: 18 out. 2015.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Unesp/Hucitec. 1998.

_____. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1987

_____. O narrador – Considerações sobre a obra de Nikilai Leskov. In: _____. *Magia e Técnica, arte e política: Ensaio sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Obras escolhidas, Vol I)

BOGDAN, R. C., BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradutores: Maria João Alvez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. 2ed. Porto. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BRUNER, J. **La educación, puerta de la cultura**. Madrid: Aprendizaje Visor, 1997.

_____. **Realidade Mental, Mundos Possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CONNELLY, M. F.; CLANDININ, J. D. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, J. (org.). **Dejame que te cuente: ensayos sobre narrativa e educación**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995

GONTIJO, C. M. M; SCHWARTZ, C. M. **Alfabetização: teoria e prática**. Curitiba: Sol, 2009.

HONÓRIO FILHO, W. Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida da formação do professor. **Revista Educação**, Porto Alegre-RS, v. 34, n.2, p. 189-197,

maio/ago. 2011. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/faced/article/view/8704/6356>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

LIMA, M. E. C. de C., GERALDI, C. M. G. e GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação com narrativas. **Educação em Revista**. v.31, n.1, Belo Horizonte, Jan./Mar. 2015. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/hy5qyk>>. Acesso em: 05 out. 2015.

MARQUESIN, D. F. B, NACARATO, A. M. Minha época de escola: Narrativas de futuras professoras. **Anais do VI SIPEM**. Pirenópolis, Nov. 2015. Disponível em: <http://www.org.br/visipem/anais/story.html>. Acesso em: 06 fev. 2016.

MEGID, M. A. B. A; FIORENTINI, D. Formação docente a partir de narrativas de Aprendizagem. **Revista Interações**, Portugal, v. 7, n. 18, p. 178-203, 2011. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/464>>. Acesso em: 31 out. 2015.

NACARATO, A. M., MENGALI, B. L. da S, PASSOS, C. L. B. **A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental**: tecendo fios do ensinar e aprender. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. – (Tendências em Educação Matemática)

NÓVOA, António. Prefácio. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **História e histórias de vida**: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

NUNES, C. Walter Benjamin: os limites da razão. In. FARIA FILHO, L. M. de. **Pensadores sociais e História da Educação**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 89 – 100.

TIMM, Edgar Zanini. A vida como uma obra de arte: pensando em histórias de vidas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **(Auto)biografia e formação humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 45-62.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1934/2009.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10ed. São Paulo: Ícone, 2006.